

BATALHA DE STALINGRADO: o documentário como agente da História

André Luiz de Vasconcelos
Mestrando em História Social - UEL

RESUMO: O tema em questão é fruto de uma pesquisa que volta sua atenção, para o tema da memória relacionado à Batalha de Stalingrado. Para desenvolver a análise, fizemos a escolha de um documentário como fonte denominada “Stalingrad” realizado no ano de 2006 pelos diretores alemães Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt. Esta produção fílmica retrata a questão social de civis e militares, sejam alemães ou soviéticos ao longo da Batalha de Stalingrado. Esse filme documentário é interessante pelo fato de fazer uso da memória de sobreviventes que estiveram no ocorrido para tentar refazer uma reconstrução do passado vivido.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Segunda Guerra; Stalingrado.

ABSTRACT: The issue in question is the result of a search that turns his attention to the theme of memory related to the Battle of Stalingrad. To develop the analysis, we made the choice as a source of a documentary called "Stalingrad" performed in 2006 by German directors Jörg Müllner and Sebastian Dehnhardt. This production film portrays the social issue of civilian and military, are Germans or Soviets during the Battle of Stalingrad. This documentary film is interesting because make use of the memory of survivors that were in place, in order to remake the past lived.

KEY-WORDS: Memory; World War II; Stalingrad.

Introdução

O presente artigo tenta analisar, através do documentário “*Stalingrad*”,¹ a condição daqueles que estiveram envolvidos na Batalha de Stalingrado, ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial. A fim de esclarecimentos a Batalha de Stalingrado foi um dos confrontos mais sangrentos deste período em questão, ocorrido em solo russo pelos exércitos alemão e soviético entre 1942 e 1943. Dados de arquivos mostram que os soviéticos sofreram cerca de 1.130.000 baixas, sendo 480 mil mortos e prisioneiros e 650 mil feridos em toda área de

¹ Documentário realizado no ano de 2006 pelos diretores alemães Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt. Esta produção fílmica retrata a questão social de civis e militares, sejam alemães ou soviéticos ao longo deste confronto, a partir de relatos de sobreviventes.

Stalingrado. Na cidade, 750 mil foram mortos ou feridos.² Além disso, 40 mil civis soviéticos foram mortos em Stalingrado e seus subúrbios numa única semana de bombardeio aéreo, enquanto o 6º Exército e o IV Exército Panzer se aproximavam da cidade em julho de 1942; o total de civis mortos nas áreas fora da cidade é desconhecido. No total, a batalha resultou num total de 1,7 a 2 milhões de baixas de ambos os lados.

Por isso entendemos que este gênero cinematográfico é uma maneira de aproximação, do ocorrido entre aquele que assiste e o indivíduo que narra sua experiência de vida, e contribui para um entendimento maior sobre o acontecido. É no documentário que a força da tradição oral encontra abrigo, proteção, de forma que a figura do narrador ou contador de história se redescobre, o que possibilita a este gênero nos dar acesso, mesmo que de forma limitada, aos traços efetivos da memória. Logo tenho o documentário como uma atividade de luto, em que o cineasta na maior parte das vezes, assume um compromisso com o passado, a de que os rastros os vestígios do mundo não se paguem, não sejam esquecidos.

Entendemos que em qualquer narrativa que privilegie a oralidade, no caso o documentário devemos nos ater ao que não é traduzido em palavras, o inenarrável. É aquilo que está escamoteado entre os silêncios e os tropeços dos depoimentos, nas rugas das faces, nas vozes trêmulas e embargadas, nos olhos lacrimejados, no incômodo e mal-estar dos narradores (atores ou personagens sociais) que se faz presente diante da matéria-prima da memória: as dimensões afetivas de suas vidas em contato com o mundo.

Para tanto acreditamos que as idéias de Walter Benjamin vinculadas aos seus inscritos sobre memória e experiência, encaixam-se alegoricamente com os conceitos que permeiam esse tipo de produção é claro que algumas ressalvas. Além da finalidade deste formato de filme que visa transmitir determinada experiência vivida por certas pessoas, em um período de suas vidas o que possibilita uma maior compreensão sobre o tema, como já dita.

Stalingrado na Segunda Guerra Mundial

Sempre que estudamos uma guerra nos perguntamos: como uma guerra começa? É uma questão primordial ao se estudar um determinado conflito, mas nem sempre conseguimos achar uma resposta satisfatória e que atenda a indagações e questionamentos da grande maioria de pesquisadores, estudiosos e interessados no assunto. Como

² Em relação ao número aproximado de mortos como também questões relacionadas ao cotidiano, do combate ocorrido em Stalingrado ver Antony Beevor "Stalingrado: O Cerco Fatal".

começam as guerras? Este talvez seja o tema mais freqüente do historiador. As guerras constituem a maior parte do material da História européia. Em toda civilização houve guerras- de qualquer modo, até nossa época, ao que nos parece: guerras causadas por todos os tipos de razões, diferentes-guerras de conquista, guerras de rivalidades imperiais, guerras de disputas familiares, guerras religiosas dentre tantas.

Todas as guerras ocorridas até o momento têm uma causa legal, sejam elas desavenças políticas ou reivindicações territoriais. Se usarmos, os casos da Primeira e Segunda Grande Guerra Mundial como exemplo, notaremos que elas se desencadearam a partir de disputas territoriais mesmo que muitos historiadores se neguem em aceitar este fato. Ao contrário da Grande Guerra o seu início é claramente identificável. Em julho de 1914, todas as grandes potências estavam em paz, e um mês depois, no início de agosto de 1914, houve uma explosão, e estavam todas em guerra. Podemos realmente descrever esse acontecimento em termos de uma semana, ou de mês no máximo. Mas exatamente quando a Segunda Guerra Mundial se tornou Mundial? E quando, na verdade se tornou uma guerra. Suponhamos que uma declaração de guerra possa ser o indicio de que o conflito mundial havia começado-nesse caso, teríamos de remontar a 1932, quando Mao TSE-tung e Chu Teh declaram guerra ao Japão, em nome do soviete de Kiangsi. Para os abissínios, a guerra começou em 1935. Para os republicanos espanhóis, ela teve início em 1936. Para os tchecos, embora tenha sido derrotada sem hostilidades práticas, a guerra começou em 1938. Para os ingleses, creio que começou a três de setembro de 1939.

Os conflitos citados acima conferem uma idéia de que, naquele momento, havia pequenos conflitos que pareciam, aos seus participantes, como também para nós, muito sérios e grandes. Mas a partir das idéias de Alan John Percival Taylor, afirmamos que estes conflitos seriam apenas pequenos ensaios para o desencadeamento da Segunda Guerra. Vejamos, a guerra entre a França e a Alemanha cuja duração foi de no máximo seis semanas. A da Polônia durou uma quinzena, mas os seus efeitos para os poloneses podem ser entendidos como uma guerra, já que quem a vivenciou a entendem assim. Usamos esses dois exemplos, para dizer que esses acontecimentos não passaram de ensaios.

Mas tudo isso não passou de preliminares, apenas. Tenho a certeza de que tal afirmação parecerá paradoxal aos que se recordam da II da segunda guerra mundial: [...]. De junho de 1940 até junho de 1941, houve praticamente paz na Europa e no mundo em geral. Houve agressões menores, conflitos menores, e um conflito subterrâneo. Quando digo que não houve uma grande guerra em terra, exceto uma breve luta na Grécia [...] (TAYLOR, 1979: 331).

Mas se essas preliminares, não representam o início da Segunda Guerra Mundial como nos afirma Taylor, qual seria então o momento exato do seu começo? Para tentar responder, está questão devemos ter em mente que:

Ao contrário da I guerra mundial, sobre a qual ainda pairam dúvidas quanto às questões em causa- se foi realmente uma luta consciente para o domínio da Europa ou do mundo- a II guerra mundial teve, ao que me parece, uma caráter mais definido, e que foi o seguinte: havia algumas das grandes potências que dispunham de impérios ou zonas protegidas próprias, que podiam obter recursos adequados desses impérios. Era o que acontecia com os Estados Unidos: a totalidade, realmente, do continente americano era da América e de mais ninguém. Isso também acontecia com o império Britânico e o Império Francês. (TAYLOR, 1979: 331).

Mas dois países que possuíam um poder industrial considerável, não tinham essas zonas, por conseqüência faltava a eles recursos, além de outros problemas. Estes países são a Alemanha e o Japão, ambos buscavam um lugar junto às grandes potências do mundo, com isso tentavam concorrer e quebrar o monopólio de antigos impérios ocidentais, principalmente Reino Unido e EUA. A Alemanha movida pelo sentimento nacionalista buscava a qualquer custo romper esta barreira do monopólio detidos pelas antigas potências marítimas. Já o Japão aspirava apropriar-se de todos os recursos do extremo oriente, em com isso conseguir um lugar de destaque junto aos grandes países do mundo. A Alemanha e o Japão buscavam um lugar seguro e aceito na mesa dos grandes. Queriam sentar-se com os grandes impérios, como iguais. Quando alguém diz que deseja isso, sempre quer ser também superior. Mas essa é a história da política alemã, particularmente a partir do momento em que Hitler subiu ao poder. È também a história da política japonesa. Segundo Taylor a Segunda Guerra Mundial teve seu início em junho de 1940, quando o governo francês, inglês e alemão recrutaram um número elevado de homens e adquiriram um número considerável de equipamentos para suas respectivas Forças Armada:

Jamais uma conquista imperial se realizara tão facilmente quanto ao domínio da Alemanha sobre a Europa. Em junho de 1940, a Alemanha controlava todo o continente europeu, seja indiretamente, como ocorria com os poucos países que continuavam neutros, por sua influência e exigências. Na verdade, podemos ir mais longe e dizer que a Europa havia sido unificada pela primeira vez na sua história e eram poucas as possibilidades de que tal situação se modificasse a partir do interior da própria Europa. Sabemos que toda resistência na Europa, embora por vezes muito honrosa, foi ineficiente no que se relaciona com a expansão dos alemães. [...] (TAYLOR, 1989: 333).

Hitler soube como ninguém mobilizar seu exército, fazer dele uma força apta a destruir seu inimigo em dias, no máximo em semanas. Isso deu ao mesmo, certa confiança que o levaria a invadir a Rússia e ai:

[...] temos um dos exemplos muito raros de como uma guerra começa. Há guerras que foram planejadas, no sentido de que países organizaram exércitos e previram que haveria um conflito [...] Mas neste caso temos Hitler e seus generais sentados por meses e meses, e marcando o início da guerra, primeiro, para 15 de maio. E então o tempo e outras coisas interferiam, e eles mudaram a data para 22 de junho de 1941. É raro, muito raro, que exista um momento assim absolutamente preciso. Por que 22 de junho? Não Porque alguma coisa dramática estivesse acontecendo ali, mas por que estava de acordo com seu esquema temporal. (TAYLOR, 1989: 334).

Ao estudarmos a Segunda Guerra e analisarmos a derrota alemã uma questão vem à nossa mente: porque Hitler almejava tanto invadir a União Soviética? Há muitas respostas, entre elas a de que Hitler queria combater o comunismo; que ele pretendia anexar grandes áreas da União Soviética - o denominado espaço vital; o temor de Hitler no crescimento da força militar russa e em consequência o ataque deste país contra o Reich. Em princípio a União Soviética não tinha intenção de atacar a Alemanha até porque não possuía um exército preparado para isso, vale lembrar que a Alemanha era um país forte econômica e militarmente. Qualquer inimigo hesitava em declarar guerra contra ela, por isso podemos afirmar que neste momento o governo soviético estava mais preocupado em se defender, do que atacar. Mas vale destacar que a União Soviética tinha o maior exército do mundo, além da maior força de tanques. Individualmente, seus aviões de guerra não eram páreo para os alemães ou da Grã Bretanha, mas a aeronáutica soviética era igualmente a mais numerosa do mundo. A população da URSS era três vezes maior que a Alemanha, e sua extensão territorial excediam em muitas vezes a da Europa não soviética. Mesmo conhecendo essa superioridade numérica da União Soviética, Hitler não poupou esforços para atacar a mesma, o que dá a compreender:

[...] que os generais alemães e Hitler tinham absoluta confiança na vitória, e, portanto, por que não invadir? Seria muito simples [...] Se a França tinha sido derrotada em mês, a Rússia o seria em poucas semanas. A resposta prática, simples, direta a pergunta Por que Hitler invadiu a Rússia? É a de que ele estava certo de vencer e que com essa vitória todas as ameaças sérias ao domínio da Europa pela Alemanha desapareciam para sempre. O próprio Hitler disse isso muitas vezes: “Quando os ingleses perderem toda a esperança na Rússia farão a paz: o império alemão estará consolidado [...]”. (TAYLOR, 1989: 335).

Portanto, Hitler enviou a Wehrmacht e a Luftwaffe para invadir os vastos domínios ocidentais da URSS com absoluta certeza de vitória enquanto o Japão já havia conquistado a Manchúria desde o início da década de 1930. De certa forma era a divisão do continente eurasiático entre os dois impérios, nipônico e germânico. Por isso não havia motivos para evitar a invasão da leste soviético, era tudo que Hitler e seus seguidores desejavam, sua vitória significaria ao povo alemão a conquista de uma grande parte do mundo. Aí se encontra o passo decisivo rumo à guerra. Mas diferentemente do que pensavam os alemães, estadunidenses e também britânicos a União Soviética sobreviveu e com isso, a Alemanha teve de enfrentar não uma guerra mundial na Rússia, mas um conflito de grandes proporções, e com ele a implicação de que o poderio alemão não se manteria necessariamente em tal nível.

Isso nos leva a entender que o Exército alemão não estava preparado, para uma guerra corpo a corpo, como a que ocorreu na URSS e principalmente em Stalingrado. Seu exército, em parte vindo da derrota no norte da África, já não era mais o mesmo, em comparação aquele que massacrara a Europa. O exército alemão, na primavera de 1942, não era a mesma organização do verão anterior. Ele tinha 162 divisões de combate para se opor ao exército vermelho, mas apenas oito estavam disponíveis para uma ofensiva total. Três outras divisões poderiam assumir a ofensiva após um intervalo de descanso, 47 estariam aptas a ofensivas limitadas, 73 poderiam ser usadas em funções defensivas limitadas, 73 poderiam ser usadas em funções defensivas e 29 só se prestavam a uma defesa limitada. Duas não serviam para nada. Como resultado ocorreu uma das maiores guerras urbanas em Stalingrado já presenciadas na história e, para realizar esta batalha foi necessário a ambos os governos conduzirem um eficaz doutrinação da sua população, para que defendessem a sua “pátria mãe”.

O filme documentário como forma rememorativa

Entendemos que, em certo sentido, o filme do gênero documental é empreendido como dispositivo adequado para os rearranjos da memória. De maneira, que o passado narrado ressurge no presente sob forma de silêncios, pausas, hesitações, sofrimentos, uma vez que, para além das intenções do cineasta, tem-se acesso a sentimentos não expressos em palavras. Assim, o documentário tem certa conotação revolucionária neste ato de recordar, principalmente na perspectiva benjaminiana, como um meio que potencializa a experiência do outro como sentido de revelação de significados, sentimentos ou

ressentimentos ocultos/silenciados. O documentário torna-se um lugar afetivo da memória ao permitir que os entrevistados sejam eles, ex-combatentes ou civis, possam rememorar e reler o seu passado, os seus traumas, as suas experiências.

Está pesquisa se baseia nas idéias de Walter Benjamin para análise da fonte, é imprescindível que façamos uma pequena reflexão sobre as idéias deste autor, que sustentam esta pesquisa. Frente a isso em um pequeno ensaio de 1933, “Experiência e pobreza”, este mesmo filósofo alemão já sentenciava: a modernidade significou a destruição paulatina da capacidade humana de experimentar o mundo, portanto, de formular a sua própria tradição. O homem moderno perdera o vínculo com a vida não sendo mais capaz de estabelecer uma relação análoga entre o antigo e o atual, entre o passado e o presente. Este homem moderno somente enxerga, mesmo que difuso, o futuro; mas projetado apenas nas conquistas tecnológicas, longe de qualquer preocupação com o uso desta técnica.

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: “Ele é muito jovem, em breve poderá compreender”. Ou: “Um dia ainda compreenderá”. Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? [...] (BENJAMIN, 1994: 1).

A técnica oculta oprimiu e sujeitou o homem moderno à destruição da sua experiência não cabendo mais a ele contemplar a vida no que ela tem de mais intenso, pleno. Para Benjamin, uma nova regra imperava na vida moderna: a de que o homem deve aprender a evitar ou interceptar os choques. Em outros termos, acostumar-se a experimentar os choques a partir do contato com as multidões urbanas, na linha de montagem e, inclusive, na sala escura do cinema. Neste sentido, a guerra contemporânea tornou-se um grande espetáculo pirotécnico, de luzes e explosões, em que os primeiros espectadores foram os soldados.

No entender de Paul Virilio ³ (1993), o campo de batalha transformou-se em um verdadeiro campo de percepção e o cinema só entraria para a categoria das armas quando estivesse pronto para traduzir este aspecto perceptivo, sensorial. Mas, para Walter Benjamin, o cinema já era capaz de efetuar esta tradução. Ao invés de uma imagem total como a do pintor, o cineasta apoderava-se de inúmeros fragmentos da realidade recompostos segundo novas leis, segundo as leis da “experiência do choque”.⁴ O cotidiano do homem moderno estaria marcado pela sua capacidade perceptiva de evitar ou interceptar os choques. Ou seja, para a teoria estética do autor o cinema é a forma de arte correspondente aos perigos existenciais mais intensos confrontados pelo o homem contemporâneo.

O cinema referido por Benjamin é o mesmo de Virilio originado pelas vanguardas logo após a Primeira Guerra Mundial. Então, os cineastas, estimulados pela tecnologia militar, apropriaram-se de metáforas como “explosão”, “choques”, “colisão” “conflito” a fim de impactar os espectadores em espetáculo como prolongamento da guerra e de sua percepção.

Neste sentido, a guerra coeva é um exemplo de como o homem rapidamente teve que aprender a interceptar os choques em combate para sobreviver ao mesmo. Durante o combate os soldados aprendem a conter sentimentos como o medo de morrer e de matar ou a compaixão pelo inimigo ferido, de modo a transpor a própria dignidade humana. Mas o fato destes homens terem de evitar os choques não equivale a dizer mesmo nos termos benjaminianos, que não vivenciaram a guerra. Ao contrário, foram submetidos a experiências intensas de crueldade, de medo, humilhação, ódio, dor, angústia, saudade, etc., que ultrapassaram todas as barreiras da comunicação.

Em 1933, Benjamin se referia aos ex-combatentes da Primeira Guerra Mundial que, em geral, tinham voltado em silêncio dos campos de batalha. Assim, segundo o autor, o não conhecimento da experiência devia-se, por um lado, à falta de comunicação, pois o governo os proibia de contarem as experiências da guerra. Por outro, pelo que eles viveram e

³ Para Paul Virilio (1993, 159-160), o fato do enfrentamento físico corpo-a-corpo entre os soldados ter sido substituído estrategicamente pelo massacre à distância de um inimigo invisível (ou quase, pois os clarões dos tiros marcam a sua presença) evocava tanto o aprimoramento de mecanismos óticos, como periscópios e telescópios, quanto a importância dos filmes de guerra e da reconstituição do campo de batalha, seja fotográfica ou cinematograficamente, por meio de câmeras acopladas aos aviões que faziam vôos de observação, orientando os comandos das operações.

⁴ Sobre o pensamento de Walter Benjamin sobre o cinema consultar Cássio dos Santos Tomaim. “Cinema e Walter Benjamin: para uma vivência da descontinuidade”. Estudos de Sociologia, FCLAR/UNESP, v. 9, n. 16, p. 101-122, 2004.

presenciaram nos campos de batalha, algo tão dolorido e indescritível, portanto, difícil de ser expresso em palavras.

Está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca⁵.

Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. [...] (BENJAMIN, 1994: 1).

Outra marca de experiência pobre a que o homem moderno era submetido foi a extinção paulatina da figura do “Narrador”, ou seja, a vida moderna tratou de abolir a nossa faculdade de contar histórias, de trocar experiências. Segundo Walter Benjamin, o “Narrador” é a figura capaz de sintetizar uma época em que o homem ainda experimentava sua relação com o outro e com a natureza. Ou seja, a matéria da narração e sua condição de existência era a própria experiência do sujeito. Durante séculos, a narração foi o instrumento para manter e até reforçar a tradição.

O fato de transmitir o conhecimento e a cultura de pessoa a pessoa fazia dos narradores indivíduos importantes para a sociedade. Eles mereciam ser ouvidos, pois eram homens que sabiam dar conselhos, eram homens sábios, segundo o filósofo alemão. Assim, se exigia do narrador uma capacidade de transformar a sua experiência, e a do outro, em algo digno de ser contemplado pelos ouvintes. Não interessava ao narrador transmitir algo por si só, o “puro em si da coisa”, como faz o jornalista, mas mergulhar em sua vida para que a narrativa irrompa de lá como a:

⁵ O livro “Nada de Novo no Front” de Erich Maria Remar é um exemplo de uma obra que retrata a experiência de soldados alemães no desenrolar da primeira guerra. A história se passa durante a Primeira Guerra Mundial, em algum lugar da Frente Ocidental. Paul Bäumer, o narrador, e seus companheiros são soldados alemães servindo na Segunda Companhia e iniciam a história se recuperando atrás do front. Os últimos combates reduziram suas fileiras de 150 para 80 homens. Paul descreve alguns dos rapazes de 19 anos, seus colegas de turma, que também foram voluntários para a guerra: Albert Kropp, o mais intelectual entre eles; Müller, um acadêmico com inclinação para Física; e Leer, sexualmente maduro. Seus amigos incluem Tjaden, um serralheiro de 19 anos; Haie Westhus, um grande trabalhador braçal, também com 19 anos, Detering, um camponês casado; e Stanislas Katzinsky, conhecido como Kat, seu sábio líder de 40 anos.

A experiência que passada de pessoa para pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores, E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos! Que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escuta com prazer. O homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. [...] (BENJAMIN, 1994: 199).

Como se vê, a narração nos remete a uma sociedade artesanal, pré-industrial, onde a sabedoria, a tradição, a experiência eram compartilhadas por meio da transmissão oral. Já na vida atual não há tempo nem espaços que privilegiem a relação de um indivíduo com o outro, a comunicação interpessoal perde lugar para a impessoalidade dos meios técnicos. Isto nos leva a crer que as experiências dos ex-combatentes e civis envolvidos na batalha de Stalingrado estariam condenadas ao esquecimento. Praticamente foram silenciados, poucas vezes eles tinham a oportunidade de exercer no cotidiano, naturalmente, a capacidade de contar histórias.

Quando retornaram dos campos de batalha ou dos campos de prisioneiros de guerra soviéticos, os Gulags foram proibidos de relatar suas experiências de guerra, limitados pela memória oficial. E isto tanto na República Federal da Alemanha (junção das zonas de ocupação dos aliados), seja na República Democrática Alemã, formada a partir da zona soviética. Além do mais, poucas pessoas se interessavam por estas histórias, uma vez ou outra familiares e alguns amigos íntimos eram os seus únicos ouvintes. Sem poder narrar e compartilhar suas experiências, o ex-combatente e os civis iam interiorizando cada vez mais os ressentimentos daquela época como, por exemplo, a culpa, resultando de um modo geral em neuroses de guerra, principalmente em nações derrotadas.

Análise da produção documentária a partir de Benjamin tendo como referencial teórico Cássio dos Santos Tomain

Propomos aqui algumas reflexões de como o documentário, no seu fazer cinematográfico, pode ser a chave para o acesso às nossas memórias afetivas, aquelas que carregam as experiências mais intensas de nossas vidas. Acesso que se dá por meio de rastros de um passado que cintila no presente, de acordo com o pensamento do filósofo Walter Benjamin. Amparado em pesquisas bibliográficas podemos afirmar que o documentário é “um lugar de memória”, uma expressão de Pierre Nora.

A partir das idéias de Cássio Tomain dos Santos,⁶ entendemos que o documentário é um abrigo de memórias e traços, de uma memória viva da “verdadeira imagem do passado”, destacamos que o:

[...] documentário, portanto, assume a conotação de uma atividade de luto, ou seja, a sua função se assemelha a da história, a de não permitir que estes rastros do passado se apaguem, desapareçam, sejam esquecidos. O documentário nos lembra daquilo que gostaríamos de ter esquecido [...].

No entanto, esperamos que o fascínio que a prática do documentário esteja exercendo em jovens realizadores não seja decorrente de ideais vazios como o de “registrar a vida como ela é”, “ter acesso à Verdade”, “ser imparcial e objetivo”, máximas que atribuem ao gênero a capacidade de refletir, como um espelho, a realidade, mas que acabam por esconder que todo filme é produto de um encontro social, logo, sujeito a interpretações ou pontos de vista docineasta. O que importa é que o documentário continue sendo uma atividade experimental, inventiva e de vanguarda [...]. (TOMAIM, 2009: 53-54).

Constatamos que o trabalho do documentarista se assemelha ao do historiador. É recordação, como enfatiza Peter Burke, sua empreitada é lembrar as pessoas o que elas gostariam de ter esquecido. Como adverte Pierre Nora “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado”. É neste âmbito que arriscamos aproximar o trabalho do historiador com o do documentarista, mas claro respeitando suas particularidades. É verdade que o cineasta tem uma liberdade de criação que o Historiador não tem, mas até mesmo no filme documentário esta liberdade é mediada pela ética, recordando de que se trata de um filme marcado pelo encontro com o outro, pela invasão da intimidade do outro, o que exige uma postura no olhar que se aproxima do olhar do historiador, principalmente daquele historiador preocupado em vasculhar o sensível na constituição do passado.

Por isso se deve ter em mente que a narração do passado sempre nos exige um alerta de que é escrito no presente para o presente, ou seja, o documentarista é responsável por proferir um passado que se encontra em constante ameaça pelo presente. Walter Benjamin (1987, p.229) nos alertava para o fato de que “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras.” Como bem nos demonstra Cássio dos Santos Tomaim as ideias deste filósofo alemão vinculavam o homem moderno:

[...] subordinado ao esquecimento e à perda da experiência. O cotidiano atarefado, sempre apressado e estressado deste homem não lhe permite experimentar o

⁶ Jornalista e professor adjunto do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM/Cesnors. Doutor em História pela UNESP/Franca. Autor do livro “Janela da Alma: cine jornal e Estado Novo — fragmentos de um discurso totalitário”.

mundo, contemplar o que este tem para oferecer-lhe em um momento de recolhimento. Para ele o que importa é o hoje, a vida efêmera, de passagens pelos lugares e pelas vidas dos outros. É um passante que vive atendendo aos chamados para interceptar os choques da vida moderna, reagindo de forma reflexa aos estímulos do mundo, sem permitir-se a experimentá-los intensamente. Para o autor todas aquelas vivências ou impressões da vida cujo efeito de choque é interceptado pelo sistema percepção/consciência tornam-se conscientes. Logo, por estas vivências serem matérias da consciência, elas desaparecem instantaneamente, sem terem a chance de se incorporarem à “verdadeira” memória. Já aquelas experiências, excitações da vida que jamais se tornaram conscientes devido à ação do psiquismo, são remetidas ao inconsciente onde deixam nele rastros duráveis. [...] (TOMAIM, 2009: 56).

Salientamos que para Benjamin a experiência se assenta, na memória do homem, uma vez que a lógica benjaminiana obedece a seguinte ordem: quanto maior a atividade do fator choque nas impressões da vida, maior será a atuação do consciente em proteger-se contra estes estímulos; e quanto maior for o êxito desta operação, menos estas impressões serão incorporadas ao campo da experiência, conseqüentemente, corresponderão à vivência.

Em síntese na óptica de Benjamin é essencial que o homem reconheça a sua perda de tradição e da necessidade de começar tudo de novo, no sentido de uma história em construção continua. Uma história que se fundamenta em ruínas e fragmentos. A partir da visão de Cássio do Santos Tomaim acredita-se que:

[...] não se trata de esquecer ou negar tudo, como desejam alguns revisionistas da história, mas de destruí-la para que possa ser recontada, que novos sentidos possam lhe ser atribuídos, principalmente no tocante àquelas vozes que foram esquecidas, silenciadas. [...] (TOMAIM, 2009: 57).

A partir das idéias do autor o que podemos depreender é que se deve produzir uma “nova história” agora trabalhada em cima da memória daqueles que presenciaram determinadas circunstâncias. E que durante décadas não puderam contar a sua versão da história, de forma a narrar suas experiências de vida e o documentário surge como um grande expoente desta tarefa de salvar a memória da denegação e do esquecimento.

Fragmentos da análise do filme documentário

Percebemos o quanto foi cruel a ofensiva do Exército Alemão, sobre a cidade de Stalingrado. O saldo de mortos foi alto para os lados e pelos relatos dos sobreviventes notamos que a misericórdia do inimigo era algo que existia por um longo período do conflito.

Stalingrado tornou-se um verdadeiro cemitério humano, milhares de pessoas perderam suas vidas, esta imagem perdura na mente daqueles que presenciaram este conflito. Como nos relata o oficial da 71ª divisão de infantaria alemã, Gerhard Münch:

Milhares de soldados jaziam sem sepultura sobre a neve. Milhares e Milhares. A estrada passava por eles. O vento soprava através deles. Havia alguma coisa em pedaços dentro de nós. Já disse isso antes: algo foi destruído algo que nunca mais voltará [...]. (Stalingrado. Produção Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt. São Paulo: Synapse, 2006. 1 DVD 126 minutos).

A esperança que aquela carnificina parasse era algo totalmente desacreditado entre os soldados, a maioria sabia que aquele combate só cessaria quando houvesse o vencedor. O relato contido em uma carta elaborada por um soldado alemão nos deixa isso bem claro, ao dizer que: “Se ao menos a matança parasse. Quem está na Alemanha não imagina o quanto temos tido de suportar. A quantidade de sangue derramado aqui não poderá ser justificada diante de Deus”. (Stalingrado. Produção Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt. São Paulo: Synapse, 2006. 1 DVD 126 minutos).

É importante salientar que na Alemanha essa morte chamada de agonizante era interpretada como morte em combate, para Hitler e seus subordinados, assim como para Stalin não eram vidas que estavam em jogo, mas sim o prestígio de ambos os lados. E para fugir desse inferno a única alternativa era por avião, aquele que tivesse a sorte de conseguir tal feito estaria livre desta chacina bélica. Alguns escaparam da morte para começar nova vida, essa esperança foi concebida a poucos homens, um deles foi Hans Rostewitz soldado da 76ª divisão de infantaria.

De repente um avião, fez a volta e veio em nossa direção. Ele parou dez metros a minha frente e ficou ali. Jogaram para fora caixotes e sacos, e fomos direto para a porta do avião. Eu queria explicar que tinha um ferimento a bala na cabeça. “Entrem entrem, somente 17 homens! Fechem a porta!”. Os motores roncaram e o avião foi andando até a posição de decolagem. Houve mais alguns trancos e, seguida, ela decolou [...]. (Stalingrado. Produção Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt. São Paulo: Synapse, 2006. 1 DVD 126 minutos).

Os alemães mais fervorosos e que seguiam as virtudes e idéias do partido nazista, ainda combatiam e acreditavam em uma vitória sobre a União Soviética, não deixavam seus ideais nazistas de lado nem mesmo por um instante.

Há muito tempo, e com o decorrer desta batalha em solo russo a espiral de violência aumentava. Pareciam existir duas guerras em Stalingrado, uma no front e outra no interior da URSS onde houve casos de mais alta brutalidade. Mas o que mais surpreende é que

muitos soldados alemães só ficariam sabendo mais tarde de tais fatos ocorridos, outros se tornariam testemunhas oculares de certos acontecimentos. Como narra o oficial Hans Schönbeck da 24^ª divisão blindada do exército alemão.

Graças a Deus no front, nada ouvimos sobre o que estava acontecendo no interior . Isso só aconteceu com o decorrer da guerra, ficamos sabendo um ano mais tarde, estou falando só sobre a Rússia. Foi só aquela altura que ficamos sabendo das atrocidades que aconteciam ali [...]. (Stalingrado. Produção Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt.São Paulo: Synapse, 2006. 1 DVD 126 minutos).

Em Agosto de 1941 uma divisão do 6^º exército descansava na cidade Ucrânia de Belaya Tserkov. Foi neste local que a unidade 4 A especial da SS, trancou noventa crianças judias num porão nos arredores da cidade, sem água nem pão, Seu destino, seu choro, chocou os moradores de Belaya Tserkov, entre eles a família de Anna Protas.

Quando meu pai chegou em casa estava palido como a morte, estava chorando. Ele disse “ouvi as crianças gritando mamãe a plenos pulmões” . Elas gritavam “mamãe mamãe!”. Ainda está ecoando em meus ouvidos, ele desabou a chorou [...]. (Stalingrado. Produção Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt.São Paulo: Synapse, 2006. 1 DVD 126 minutos).

O fim dessas crianças começou em um primeiro momento ao verem seus pais serem fuzilados pelos soldados do 6^º exército.

Primeiro pegaram os homens. Diseram-lhe que estavam sendo levados para trabalhar, mas eles nunca voltaram . Depois pegaram as mulheres sem as crianças. As mulheres também não voltaram. Então as crianças tiveram de assistir o fuzilamento de suas mães, ali diante de seus olhos. E ai foi a vez das crianças , elas forma levadas para um orfanato e fuziladas logo depois[...].(Stalingrado. Produção Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt.São Paulo: Synapse, 2006. 1 DVD 126 minutos).

Um oficial tentou impedir o massacre das crianças e foi até o seu superior, o comandante do 6^º exército Marechal Von Reichanau. Ele era um marechal moderno que via o assassinato das crianças, como expediente. Pouco depois ele deu a seguinte ordem ao seu regimento: “No front oriental o soldado não é apenas um combatente, segundo as regras da arte da guerra. Ele também defende uma inflexível idéia nacionalista”. (Stalingrado. Produção Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt.São Paulo: Synapse, 2006. 1 DVD 126 minutos). Eles chamavam isso de comando de adversidade, e quem agia assim era promovido por Hitler.

Com o termino desta guerra os sobreviventes alemães foram levados para os campos de prisioneiros muitos não agüentaram, sobreviver a tais condições humanas. Hans Mroczinski prisioneiro alemão nos diz que:

Chegava a ser quase um alívio quando alguém morria e era levado embora no dia seguinte, porque sobrava mais espaço. Em frente aos alojamentos havia pilhas de corpos que eram arrastados pelas equipes de trabalhadores [...]. (Stalingrado. Produção Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt. São Paulo: Synapse, 2006. 1 DVD 126 minutos).

Apenas trinta e três mil homens sobreviveram aos campos de prisioneiros, esses sobreviventes foram levados em trens de carga para fazerem trabalhos forçados, sendo alimentados a cada três dias. Como relata o documentário:

[...] onde foram postos para trabalhar nas minas de carvão e urânio. Alguns foram julgados como prisioneiros de guerra e setenciados a 25 anos de trabalho forçado. Nessas regiões longínquas, é comum fazer 60°C negativos [...]. (Stalingrado. Produção Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt. São Paulo: Synapse, 2006. 1 DVD 126 minutos).

Em maio de 1945 muitos prisioneiros já sabiam da derrota alemã, Hermann Behett prisioneiro nos diz que:

Uma noite bem tarde estávamos ainda acordados e anunciaram que a guerra havia acabado. Começaram a nos dizer “Scura Budi Damoi” isso significa “você vão para casa logo”. Quando perguntamos quando seria disseram: “Assim que a Rússia tiver sido reconstruída, vocês puderam voltar. Podem demorar mais dez anos” [...]. (Stalingrado. Produção Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt. São Paulo: Synapse, 2006. 1 DVD 126 minutos).

Konrad Adenauer⁷ primeiro chanceler da República Federal da Alemanha, de 1949 e 1963, iniciou as negociações para repatriar os sobreviventes que ainda se encontravam em campos de prisioneiros na URSS. Foi até Moscou e pediu pela libertação dos soldados aprisionados, com sucesso, mesmo com os três mil soldados voltando à pátria, velhas

⁷ Em 1945 participou na fundação da União Democrática Cristã e assumiu a presidência da liga na zona de ocupação britânica. Com o estabelecimento da Alemanha ocidental, em 1949, Adenauer assumiu o cargo de primeiro chanceler. Por 14 anos, liderou a coligação entre a União Democrata-Cristã (CDU), o seu partido-irmão da Baviera, União Social Cristã (CSU), e os Democratas Livres, o partido liberal alemão (FDP). Entre 1951 e 1955 também serviu como ministro para assuntos exteriores da Alemanha Ocidental. Adenauer tinha um grande objetivo: estabelecer a Alemanha Ocidental como uma proteção para conter a expansão dos soviéticos na Europa. Assim, ele promoveu um estreitamento nas relações com os Estados Unidos e se reconciliou com a França. Foi durante o mandato de Adenauer que a Alemanha Ocidental passou a integrar a Organização do Tratado do Atlântico Norte e passou a ser reconhecida como uma nação independente.

contas foram acertadas com os traidores. Como relatou Hermann Behett: “Em Frankfurt ocorreram alguns assassinatos com os corpos espalhados pelas ruas na manhã seguinte.” (Stalingrado. Produção Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt. São Paulo: Synapse, 2006. 1 DVD 126 minutos).

Velhos companheiros vingaram-se tardiamente dos prisioneiros que tomaram partidos dos russos, em 1955 chegam os últimos prisioneiros de guerra vindos da União Soviética para a Alemanha, inclusive sobreviventes do inferno do bolsão de Stalingrado.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Experiência e Pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Obras escolhidas. In: *Magia e técnica, arte e política*. V.1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Teorias do fascismo alemão. In: *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. Trad.: Christl Brink, Ilka Roth, Irene Aron e outros. São Paulo: Cultrix, 1986.

DOSSE, François. *A história a prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina; (Org.) Memória e Tradição in: *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre a História; apresentação, tradução e notas: Noeli Correia de Melo Sobrinho*. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

SELIGMANN-Silva, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: *História, Memória e Literatura- O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p. 59-90.

SHIRER, Willian. *Ascensão e Queda do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

TAYLOR, A.J.P. *A Segunda Guerra Mundial*. Trad. Dutra, Waltensir. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

TOTMAIN, Cássio. O documentário como chave para nossa memória afetiva. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v.32, n.2, p. 53-69, jul./dez. 2009.

Fonte Cinematográfica

Stalingrado. Produção Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt. São Paulo: Synapse, 2006. 1 DVD 126 minutos. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=VrYsnUSXdo0>

Recebido em: 05/09/2012

Aprovado em: 09/11/2012